

CAPA

Tudo em movimento

“Quando criança, subir uma escada, entrar num porão, caminhar em cima de um muro podem ser experiências narrativas fantásticas”, diz o artista plástico e escritor Fernando Vilela, que descarta palavras no livro *Contêiner*

Dez anos atrás, em 2007, o artista plástico e ilustrador Fernando Vilela recebeu três prêmios Jabuti pelo livro *Lampião e Lancelote* (Cosac Naify, 2006), o primeiro de sua autoria e feito depois de ele já ter ilustrado, como coautor, para vários outros escritores. Desde então, Vilela tem publicado regularmente um novo livro a cada ano e hoje suas histórias circulam por muitos países. *Contêiner* (Pequena Zahar), o mais recente, de 2016, é uma aventura sem palavras que encanta igualmente adultos e crianças. Em *Abrapracabra* (Brinque-Book), de 2012, vários representantes da fauna brasileira se jogam em uma história de realismo fantástico que é pura imaginação visual. Com obras em importantes coleções, como as do MoMA de Nova York, do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Vilela diz que, entre outras, a função da imagem nos livros infantojuvenis “é formar, educar o olhar”. “Assim como o texto, a imagem, num livro ilustrado, é carregada de significados e pede uma apreciação cuidadosa. É uma pena que, apesar de vivermos num mundo permeado por imagens, poucas pessoas sejam alfabetizadas visualmente e a imagem dos livros não seja muito trabalhada na escola”, diz. Leia a entrevista que ele concedeu à *Vila Cultural*.



Vila Cultural. Como teve a ideia do livro *Contêiner* e por que decidiu por uma narrativa sem palavras?

Fernando Vilela. A ideia do livro surgiu da atração que tenho pelos portos de contêineres, pela beleza gráfica dos guindastes, seus movimentos e cores, e também pelas viagens de produtos diversos que cruzam o planeta o tempo todo em navios de carga. Daí, nasceram dois personagens que viajam pelo mundo somados a minha vontade de caracterizar culturalmente cada país pelo seu porto, seus estivadores, seus produtos exportados e cores. Com tanta informação visual decidi criar um livro sem palavras, pois as imagens já pareciam suficientes para contar essa história.

VC. Que cuidados são necessários ao abrir mão do texto como “suporte” para uma aventura tão fascinante?

FV. No livro de imagem, o grande desafio é criar um fio narrativo conectando uma página a outra, não deixando nunca o leitor se perder. A continuidade da sequência de imagens é a grande chave para este tipo de publicação.

VC. Como entende o fascínio pela experiência da aventura na infância?

FV. A experiência da aventura pode atravessar toda nossa vida, dependendo da forma como significamos o mundo e nos colocamos em movimento nele. Porém, na infância as descobertas são mais significativas, pois o mundo é



mais misterioso e está aí para ser explorado com mais potência da liberdade da imaginação. Quando criança, subir uma escada, entrar num porão, caminhar em cima de um muro podem ser experiências narrativas fantásticas. O livro ilustrado de aventura tem a ver com isso.

VC. Como surgiu o projeto do livro *Abrapracabra* e qual a importância das palavras e dos sons no roteiro da “viagem” que também é sobre amizade?

FV. A ideia deste livro surgiu da vontade de viajar por lugares totalmente diversos através de uma palavra mágica (*Abrapracabra!*) e, logicamente, com uma cabra brasileira liderando a expedição fantástica. Nessa viagem, os personagens bichos vão se acumulando, pois sempre se ajudam a se safar de perigos locais e se tornam companheiros. Já a segunda aventura da cabra, o livro *Abrapracabrasil*, nasce de viagens que fiz pelo nosso país e da vontade de compartilhar a descoberta de regiões de beleza natural e de potência cultural e artística. Nesta narrativa de viagem a cabra e o jacaré (guia turístico) são amigos desbravadores que, juntos, conhecem lugares diversos passando por momentos de alegria e por grandes apuros.

VC. Como lida com o fato de tantos adultos se encantarem com

trabalhos que originalmente foram pensados para crianças?

FV. Na realidade quando invento um livro não penso que ele é para a criança, mas me proponho criar uma narrativa ilustrada com total liberdade. Acredito que o livro ilustrado não tem idade, assim como os trabalhos de arte. Museu e galeria não têm faixa etária, certo? Fico feliz que muitos adultos e crianças sejam tocados pelos meus livros e isso reforça a visão que tenho do livro como obra de arte.

VC. Que avaliação faz da sua trajetória como autor?

FV. Trajetória é como uma aventura, não se sabe o que vem pela frente. Cada novo livro ilustrado é um desafio, pois tento buscar outros caminhos de narrativa e

linguagem visual. Ser autor de narrativas com palavras e com imagens é experimentar possibilidades de contar histórias. E é fundamental que existam editores que topem arriscar e bancar projetos fora dos padrões convencionais.

VC. Em que projetos trabalha atualmente?

FV. No momento trabalho em dois livros que flertam com a questão da metalinguagem e que nasceram de trabalhos de arte. Muitas vezes é de uma exposição, de uma série de gravuras ou de fotografias que nasce uma narrativa que se transforma num livro, e vice-versa. Minhas ideias geralmente demoram anos para amadurecer, mas daqui a pouco coisas novas vão sair do forno. 🍷

